

Novatos se rebelam contra lideranças

REJANE OLIVEIRA
Da Editoria de Política

"Na Constituinte não existe liderança partidária. Meu único compromisso é com as posições que defendi durante a campanha eleitoral". Frases como estas, do deputado Jofran Frejat (PFL-DF), eram repetidas ontem por parlamentares de diferentes partidos, que não pretendem submeter-se à orientação das lideranças no trabalho de elaboração da nova Carta Magna.

Tanto o regimento provisório quando o projeto de regimento definitivo da Constituinte prevêem a figura do líder de partido, que deve ser formalmente indicado por cada bancada à mesa diretora da Assembleia. Sem o recurso do fechamento de questão e com os constituintes se agrupando em blocos suprapartidários, contudo, a liderança passa por um processo acelerado de adaptação, onde a capacidade de convencer pesa mais que argumentos de fidelidade à legenda.

REBELDIA

Nem mesmo o deputado mais jovem da Constituinte, o paraibano Cássio Cunha Lima (PMDB), escapa do movimento de rebeldia contra as lideranças partidárias. Ele acha que não está obrigado a seguir a orientação do deputado Pimenta da Veiga, "sobretudo quando ele adota posi-

ções sem consultar a bancada".

Na questão de ordem pela exclusão dos senadores eleitos em 82, por exemplo, ele votou contra a orientação da liderança de seu partido. "O líder não nos consultou sobre o assunto e adotou uma posição conservadora. Não me senti obrigado a segui-lo".

Favorável à extinção definitiva do voto de liderança, tanto na Constituinte quanto no Congresso ordinário, o deputado peemedebista afirmou que o papel do líder deve limitar-se às tarefas de organização da bancada. Deve, ainda, adotar uma posição de extrema flexibilidade para possibilitar o reagrupamento do partido após as discussões da Constituinte. "que certamente colocarão companheiros de legenda em situações antagônicas".

CONVENCIMENTO

O líder do PDS no Senado, Jarbas Passarinho, admite as dificuldades de exercer este papel durante a Constituinte. Sem poder recorrer ao voto de liderança e à fidelidade partidária, como no passado, ele já definiu uma estratégia para comandar seus liderados: antes de qualquer votação importante, munido de uma cópia do programa do partido, vai à tribuna lembrar aos pedessistas o que o documento estabelece a respeito do assunto.

Para o senador Passarinho, mais difícil que lide-

rar o PDS será comandar bancadas como a do PMDB: "O nosso partido diminuiu mas, em compensação tornou-se mais homogêneo. Já o PMDB, com suas bancadas imensas, abriga as mais diferentes tendências ideológicas. Será difícil unir este pessoal em torno de determinados assuntos".

A despeito disso, o senador defende a preservação da figura do líder partidário. O que ele não aceita é a existência de líderes do governo e da oposição: "Numa Constituinte, não há sentido nisso, até porque, teoricamente, não há interesses do Executivo envolvidos na matéria".

DEMOCRACIA

Já o líder do PMDB no Senado, Fernando Henrique Cardoso (SP) não aceitou emendas ao regimento da Constituinte propondo a extinção das lideranças partidárias. Segundo ele, a existência destas figuras pressupõem o próprio funcionamento dos partidos, "o que é vital para o sistema democrático".

O senador peemedebista admite, contudo, que as atribuições do líder, durante a Constituinte, serão basicamente distintas de sua atuação no Congresso ordinário. Como não há voto de liderança, eles devem se limitar às articulações políticas, procurando manter a coesão de suas bancadas.